

ULRICH BECK E O PARADIGMA SOCIOLÓGICO DO RISCO

*Eduardo Nunes JACONDINO**

*Daniel da Rosa ESLABÃO***

RESUMO: Este artigo desenvolve análises teórico-conceituais acerca do paradigma sociológico do risco, tal qual nos é apresentado pelo eminente sociólogo germânico, contemporâneo e falecido em 2015, Ulrich Beck. Por meio do mesmo buscamos estabelecer algumas distinções conceituais, relacionada à abordagem economicista predominante nas Ciências Sociais, no que tange ao olhar sobre as sociedades; bem como estabelecer um diálogo com teóricos que também convergem sobre este tema. Desejamos, por fim, contribuir para a compreensão da proposição paradigmática da sociedade de risco, que converge para debates profícuos face aos horizontes da reflexividade contemporânea e do diálogo ciência-sociedade, tão imprescindíveis diante do novo momento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Reflexividade. Globalização. Modernidade. Risco.

Introdução

Falecido em janeiro de 2015, o sociólogo alemão Ulrich Beck ajudou a desenvolver a percepção sociológica e a consciência social acerca da civilização industrial como potencialmente geradora de ameaças à vida, ao ambiente e mesmo à própria sociedade. Fenômeno relativamente recente. Neste artigo, abordaremos as percepções deste autor acerca do risco, enquanto construção sociológica. Para isso, teremos como principal referência textual a obra *Sociedade de Risco*, de 1986, traduzida em 2010 para a língua portuguesa. No estudo desta obra destacaremos

* UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão – PR – Brasil. 85605-010 – eduardojacondino@hotmail.com

** UP – Universidade do Porto. Porto – Portugal. 4150-564 – daniel_filosofo@hotmail.com

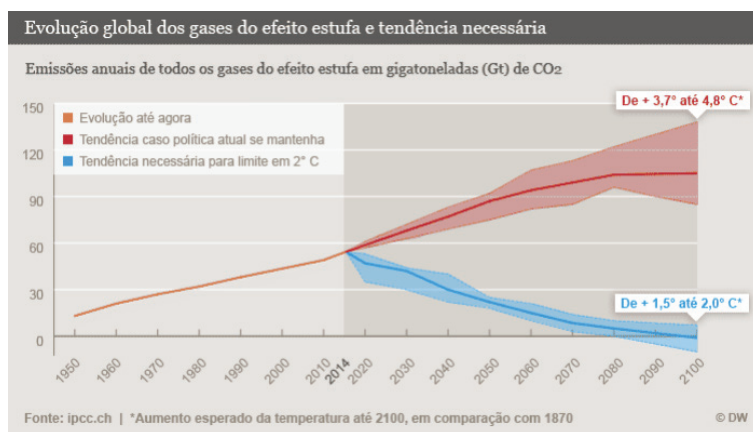
a visão geral do autor acerca do mundo moderno, bem como a necessidade de ampliação do debate público acerca das questões pertinentes ao **desenvolvimento tecnológico** e seus **efeitos** sobre a **natureza e a sociedade**.

Cabe salientar que a ideia presente de risco, em nossa sociedade contemporânea, nem sempre correspondeu à conotação atual. Muitos autores modernos associaram a ideia de risco ao contexto do desenvolvimento do capitalismo ocidental. No alvorecer do período das grandes navegações, a palavra risco, derivada do latim *riscare*, estava impregnada de uma conotação altamente positiva; muito próxima de ousadia, coragem e fortuna. Para Beck (2010), na modernidade o termo toma um sentido negativo, por demais distinto daquele que possuía nos séculos XV e XVI. Representa o conjunto de ameaças, por vezes imprevistas, geradas pelas sociedades industriais. Pelo modelo mental, tecnológico e econômico de gerir a vida.

Em 1986 a Europa foi sacudida com a notícia (inicialmente negada, pela então União Soviética) do acidente nuclear de Chernobil. Este evento catastrófico espalhou uma nuvem de radioatividade por uma grande extensão do continente. Motivado por estes acontecimentos o sociólogo alemão escreveu sua obra de maior repercussão, *Sociedade de risco*. Neste livro o autor afirma que vivemos em um momento de depauperização civilizatória, no qual, devido ao modelo de industrialização das sociedades modernas, o ser humano teria introduzido uma série de intromissões junto à natureza e seus recursos. Estas intromissões drásticas e ameaçadoras poriam em risco as condições de vida na terra.

O gráfico a seguir contribui para que se tenha uma ideia acerca deste argumento.

Gráfico 1 – Mudanças Climáticas



Fonte: Quail (2014).

O gráfico é parte integrante do documento: Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU (IPCC, 2014), apresentado na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas – COP 20, evento que ocorreu no Peru, em 2014.¹ Com base nos indícios científicos disponíveis e apresentados no evento, houve consenso quanto ao fato de que o aumento de 2°C seria o limite máximo admissível de aumento da temperatura global, em relação ao início da industrialização, o que confirma a tese de Beck (2010) sobre os riscos e malefícios produzidos pelo modelo de desenvolvimento industrial predominante. O que mostrou ser necessário restringir as emissões dos gases causadores do efeito estufa, responsáveis pelo aquecimento da temperatura da terra. Entretanto, especialistas observaram, ainda no mesmo evento, que o mundo muito provavelmente esteja caminhando para um aquecimento de 4°C. O que trará, para a vida no planeta, repercussões desastrosas.

Este tipo de alteração ocorrida nos ambientes naturais diferenciam-se daquelas ocorridas no século XIX (MARX, 2014), embasadas em crises de escassez, que se caracterizavam pela miséria material, escassez e fome, que poderiam/deveriam ser superadas por meio de modelos mais equitativos de desenvolvimento político/econômico; enquanto a crise atual se caracterizaria pela ameaça as próprias bases naturais da vida: água, solo, ar, como as preconizadas por Pretty (2006), exigindo, de modo inédito, uma **mudança de paradigma**.

A tese central é a de que estes riscos, criados pelo ser humano e pelo modelo moderno e industrial de sociedade, atingem proporção global, uma vez que não há região ou país que possa sentir-se livre das consequências e ameaças trazidas por este modelo. Por outro lado, os riscos na sociedade moderna se encontram em estado de latência, isto é, segundo nosso autor são ameaças que pairam sobre as sociedades, mas que, em grande medida, permanecem ocultas: “Risco de autodestruição da vida na terra” (BECK, 2010, p.25), causado pelas tecnologias criadas pela própria humanidade. Ou ainda, riscos causados pela poluição, pela degradação ambiental, pelas tecnologias humanas como a energia nuclear e o esgotamento dos recursos naturais. O que gera, segundo Luhmann (1993), probabilidade de ocorrência de eventos indesejáveis referentes aos fatores acima relacionados.

Por isso, o risco está incorporado à modernidade (BECK; GIDDENS; LASH, 2000). Como exemplos o autor nos cita os riscos decorrentes de três fontes principais: a energia nuclear, os resíduos químicos e a tecnologia genética. Nas crises do século XIX (sociedade de escassez), predominava o paradigma da distribuição dos recursos e riquezas entre os países, sociedades e no escopo das classes sociais; já no paradigma da sociedade de risco predomina a diferente distribuição dos riscos entre os países, sociedades e classes sociais (BECK, 2010).

¹ O documento apontou para o fato de que a Progressão das emissões de gases-estufa, conforme medições feitas em 2014, estava longe da curva ideal.

Podemos afirmar que a obra resulta da percepção de que o mito segundo o qual a moderna sociedade industrial representa o ápice das possibilidades da modernidade e, posteriormente do que se convencionou chamar de progresso humano/social (BECK, 2010), não mais se sustenta. Mais do que isso, que os modelos explicativos e os conceitos e medidas empregados até então se mostram insuficientes, quando não, ocultam outras implicações que a cada dia devem tornar-se pertinentes aos olhos acurados do cientista social.

Sociedade de risco: implicações teórico-conceituais e sociais

Na *Sociedade de Risco* o apriorismo teórico/mítico que pregava a **evolução unilinear das sociedades**, de um modelo arcaico em direção a um modelo mais evoluído, é questionado. Beck (2010) evoca Kant, quando este questionava acerca das condições e possibilidades da sociedade humana. Uma ideia que parece esquecida na atualidade, tendo em vista a mentalidade hegemônica, inquestionada, do atual modelo de civilização industrial. Predominante inclusive no campo das Ciências Sociais.

Na percepção beckiana há um vácuo teórico ante este horizonte, ante as ameaças cumulativas geradas pela sociedade industrial e pelos paradigmas clássicos do pensamento sociológico até então em voga. Nestes termos, o autor assim se manifesta:

Mais urgente do que nunca, precisamos de esquemas de interpretação que nos façam [...] repensar a novidade que nos atropela e que nos permita viver e actuar com ela. Seguir as pistas dos novos conceitos, que já se mostram em meio aos cacós dos antigos, é empreendimento difícil. (BECK, 2010, p.14).

A estrutura deste pensamento percorre o seguinte caminho: na primeira parte da obra citada, o autor se propõe ir além dos conceitos restritos, ou seja, da conceitualidade da sociedade industrial. Afinal, para ele, estes apresentam severas limitações, pois não abarcam a novidade dos fenômenos em curso. Do mesmo modo que se mostram insuficientes para a reflexão propositiva, engendrada em seu pensamento, especialmente quanto às alternativas possíveis ao modelo vigente.

Neste momento, vemos a afinidade teórica entre as perspectivas desenvolvidas pelo autor e por Anthony Giddens, outro sociólogo contemporâneo, com o qual Beck acaba compondo uma parceria intelectual (BECK; GIDDENS; LASH, 2000). É elucidativo destacar que Giddens (1991), em sua obra *As Consequências*

da *Modernidade* caracteriza os tempos em que vivemos como uma época de indefinição. Alta Modernidade é o termo por ele empregado para aludir a uma época de eminentes transformações. Transformações advindas da esfera global mas que se refletem, de maneira significativa, na esfera privada, íntima, dos atores sociais.

A metáfora empregada por Giddens (2005) é a de uma colina, do alto da qual se pode vislumbrar a paisagem do horizonte a ser percorrido, sem que, contudo, este tenha sido alcançado. É interessante destacar que enquanto Giddens utiliza o conceito alta modernidade, Beck preferirá modernidade tardia e no contexto do seu estudo sobre o risco ele não distinguirá os termos modernização e industrialização. Empregará o primeiro como generalização simplificadora. Ambos referindo-se à condição de um:

[...] salto tecnológico de racionalização e da transformação do trabalho e da organização, englobando para, além disso, muito mais: a mudança dos caracteres sociais e das biografias padrão, dos estilos e formas de vida, das estruturas de poder e controladas formas políticas de opressão e participação, das concepções da realidade e das normas cognitivas. O arado, a locomotiva a vapor e o microchip são, na concepção sócio científica da modernização, indicadores visíveis de um processo mais profundo, que abrange e reconfigura toda a trama social, no qual se alteram [...] as fontes da certeza das quais se nutre a vida. (BECK, 2010, p.23).

Com esta definição de modernidade o autor se aproxima de pensadores tais como Eisenstadt e Lepsius, que pintam os tempos atuais como uma **era de incertezas**, em oposição aos períodos precedentes; já que as noções de risco e ameaça são opostas às noções de certeza e segurança, predominantes tanto o ponto de vista social quanto teórico (no âmbito das Ciências Sociais). Ainda na primeira parte de seu livro, Ulrich Beck (2010) confronta duas lógicas opostas em relação à produção do risco e a produção da riqueza. Na segunda parte de sua obra o autor reflete acerca da destraditionalização das formas de vida, decorrentes das sociedades industriais.

Suas análises direcionam-se para o tema da individualização, institucionalização e padronização das condições de vida e das relações entre os indivíduos e sociedade, no contexto da moderna ordem industrial. Embora a discussão desenvolvida pelo autor seja dotada de relevância e atualidade, não nos deteremos nesta parte de seu livro, uma vez que não foca na questão essencial a qual nos propomos a analisar, ou seja, a temática do risco, retratada na terceira parte do livro, na qual o autor aborda questões essenciais do **pensamento reflexivo modernizador**, tais como a análise crítica acerca da capacidade de o desenvolvimento científico e tecnológico, por si só, trazer desenvolvimento

econômico e social. Além disso, é neste terceiro momento da obra que a discussão em torno da dissolução das fronteiras políticas nos horizontes do risco é desenvolvida. Trata-se da **globalização do risco**, em seus efeitos ambientais/globais.

Neste sentido, o autor irá questionar:

Como é possível que as ameaças e riscos sistematicamente co-produzidos no processo tardio da modernização sejam evitados, minimizados, dramatizados, canalizados e, quando vindos à luz sob a forma de efeitos colaterais latentes, isolados e redistribuídos de modo tal que não comprometam o processo de modernização e nem as fronteiras do que é (ecológica, medicinal, psicológica ou socialmente) aceitável? (BECK, 2010, p.24).

Beck refere-se, aqui, ao fato de que as sociedades modernas não apresentam níveis conscientes acerca das diversas formas de riscos e ameaças que elas próprias têm produzido, aceitando o inaceitável risco de “autodestruição da vida na terra” (BECK, 2010, p.25). Algo que não pode ser explicado pela teoria da legitimidade desenvolvida no início do século XX. Até porque o estabelecimento do que seria um risco aceitável, não nos parece algo tão simples de se definir.

Na visão beckiana, as sociedades industriais vivem um momento onde se sobrepõem dois paradigmas. De um lado, predomina o paradigma capitalista da distribuição desigual da economia; de outro lado, predomina o paradigma industrial da distribuição desigual dos riscos. Este quadro, inicialmente pertinente às nações industrialmente desenvolvidas, relaciona-se num segundo momento com o todo maior da realidade global, analisado pelo autor por meio de uma **visão sistêmica de múltiplas relações**.

É interessante observarmos que autores como Fernand Braudel (1995) e, mais recentemente, seu discípulo estadunidense Immanuel Wallerstein (1994, 2005), utilizam a expressão sistema-mundo para se referir as interações globais, em seus aspectos econômicos e políticos, uma vez que para eles estes decorrem do desenvolvimento do capitalismo globalizado.

De fato, se nas sociedades pré-modernas os riscos costumavam circunscrever-se a esfera local²; na modernidade os riscos tendem a transcender o espaço de sua ocorrência. Estes riscos trazidos pelo processo de modernização se caracterizam pela globalidade de seu alcance. E mais, seus efeitos não se restringem às sociedades humanas. Ao contrário, costumam ter efeitos ainda não totalmente dimensionados sobre a fauna, a flora, a terra, o ar e os recursos hídricos. Trazendo à tona discussões

² Sobre os efeitos locais e situações de risco humanamente produzidos, sugerimos a leitura da genial obra de Jared Diamond (2006), *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*.

que se debruçam por sobre a questão dos limites do modelo industrial e econômico predominantes (advindos do mundo ocidental); bem como por sobre a questão da ética e da necessidade de se unificar desenvolvimento econômico com desenvolvimento social e sustentabilidade ambiental.

Se nas sociedades marcadas pela escassez (ou subprovisão) a tecnologia era vista como uma solução para seus problemas, nas sociedades modernas esta mesma tecnologia é vista, também, como fonte promotora de novos problemas e de problemas de mais difícil compreensão, percepção e solução. Isto porque os riscos gerados pela superprodução industrial tendem a ser menos evidentes do que aqueles causados pela pobreza e pelo subdesenvolvimento. Com exceção dos casos agudos, por meio dos quais grandes acidentes ambientais acontecem.

Para estudar os riscos ambientais socialmente produzidos o autor desenvolve seus argumentos a partir de cinco pontos. Primeiro, ele se refere aos **danos em larga escala**, tais como o acontecimento radioativo que assustou a Europa e o mundo em 1986. Neste ponto, enfatiza que o processo de produção de riscos e ameaças, inerentes ao sistema industrial, necessita ser sociologicamente definido.

Segundo, ele reflete acerca da **distribuição assimétrica do risco**, inclusive no campo das relações internacionais. De todo modo, embora perceba estas desigualdades, conclui que as situações de risco geradas pelas sociedades industriais não permitem a ninguém o dom da intangibilidade: O que vai, volta, o mundo está interligado em uma trama ecológica global que desconhece fronteiras. As situações sociais de ameaça são um fenômeno global.

Terceiro, ele analisa a **expansão do quadro de risco** dentro da lógica do sistema capitalista. Contudo, enfatiza que é o modelo de sociedade industrial o principal responsável pela grave situação de risco vigente no mundo moderno, e não o capitalismo em si.

Para o autor, o momento atual, caracterizado pelo conceito de modernidade tardia, é o momento por meio do qual tanto a riqueza quanto os **riscos resultam de processos de produção social**. Neste sentido, o desenvolvimento tecnológico das sociedades humanas e o alto nível das forças produtivas, sob o influxo dos mais avançados recursos tecnológicos aplicados à produção de bens e mercadorias, acarreta uma nova configuração quanto às desigualdades daí resultantes. Estas assimetrias, por sua vez, não se restringem ao âmbito dos indicadores econômicos e da divisão do trabalho social. Também implicam **diferentes graus de exposição aos riscos** produzidos.

Na sua obra *O que é Globalização*, Beck (1999, p.79-81), elenca três contextos de riscos específicos de diferentes contextos:

Primeiro: a destruição ecológica condicionada pela riqueza e pelos riscos técnicos industriais [...] efeito estufa, manipulação genética, camada de ozônio. [...] Segundo: a destruição ecológica condicionada pela pobreza. [...] Terceiro: armas de alto poder destrutivo.

As armas destruidoras referidas pelo autor são aquelas discutidas no meio ecológico há muitas décadas, conhecidas como pela sigla em inglês ABC: atômicas, Biológicas e químicas (*atomic, biological and chemical*).

Podemos pensar nas situações extremas geradas pelo risco representado pela fome e pela morte causada por subnutrição. De outro lado, as nações industrializadas, que embora já tenham superado em grande monta estes casos extremos, são sociedades cada vez mais expostas a outras formas de riscos, causadas pelo sistema da própria modernização. Seja pela quantidade de resíduos gerados, que de maneira crescente e cumulativo acabam por contaminar o ambiente; seja pelo risco gerado através do sistema energético baseado em fontes nucleares. Neste caso, as sociedades industrializadas se notabilizam como grandes geradoras de riscos, na mesma medida em que sua indústria se mostra capaz de produzir poluição e resíduos contaminantes.

Este modelo industrial, produtor de riscos, tem seus centros geradores nas nações desenvolvidas, que, para além da produção toxicológica que desencadeiam, exportam seu modelo produtivo para outras nações, até pouco tempo denominadas de periferia. Nações que então se tornam novos centros difusores de mais poluição e produtoras subsidiárias de mais e mais situações de risco.

Este efeito equalizador, para utilizarmos uma expressão empregada por Beck, expressa a ideia de que democraticamente o risco a todos atinge. Pois, se “a miséria é hierárquica, o *smog* é democrático” (BECK, 2010, p.43).

Este paradoxo, segundo o qual persiste o desnível em relação ao acesso aos recursos econômicos, enquanto o risco tende a ser cada vez menos hierarquizado, pois potencialmente a todos atinge, nos remete a questão da universalização democrática do risco, uma vez que este não reconhece fronteiras entre ricos e pobres, nações desenvolvidas ou não. A este fenômeno Beck dá o nome de globalização do risco.

No contexto desta globalização vemos um fenômeno que solapa a lei da distribuição desigual do risco, proposta pelo autor, fazendo volver sobre os agentes e as classes superiores os mesmos efeitos que, em um primeiro momento, normalmente atingem as classes desprotegidas da sociedade.

Fenômeno denominado, por Beck (2010, p.44), de efeito bumerangue:

Contido na globalização e ao mesmo tempo distinto dela, há um padrão de distribuição de riscos no qual se encontra um material potencialmente explosivo: cedo ou tarde eles alcançam inclusive àqueles que os produziram ou que lucram com eles. Em sua disseminação, os riscos apresentam socialmente um efeito bumerangue: nem os ricos e poderosos estão seguros diante deles. Os anteriormente ‘latentes efeitos colaterais’ rebatem também sobre os centros de sua produção. Os atores da modernização acabam, inevitável e bastante concretamente, entrando na ciranda dos perigos que eles próprios desencadeiam e com os quais lucram.

Para Beck (2010), o efeito bumerangue acaba produzindo uma estranha unicidade entre culpado e vítima, desfazendo as ilusões de imunidade das classes mais próximas ao topo da pirâmide social. Não obstante, as classes menos privilegiadas tendem a uma exposição imediata a tais circunstâncias de risco (é só pensarmos, por exemplo, na questão das enchentes, que normalmente causam deslizamentos de terra e, conseqüentemente, de casas instaladas – muitas vezes de maneira irregular – nos morros das grandes cidades).

Algo que pode ser isualizado na imagem abaixo que retrata um deslizamento de terra ocorrido em uma favela do Rio de Janeiro.

Foto 1 – Deslizamento por conta de enchente



Fonte: VEJA... (2011).

Todavia, embora aqueles que ocupam a base da pirâmide social tendam a estar entre as primeiras vítimas, com o passar do tempo ninguém escapa imune às situações globais de risco. Deste modo, os efeitos trazidos por esta são democráticos (as nuvens tóxicas que abatem a cidade de Pequim, por exemplo, atingem a todos os moradores daquela cidade/região, indistintamente, ou seja, independentemente de estes serem pobres ou ricos).

Foto 2 – Poluição na China



Fonte: POLUIÇÃO... (2013).

Uma nova realidade e um novo paradigma

Deste modo, embora exista o fenômeno da mercantilização do risco, quando a lógica e os interesses econômicos tentam sobrepor-se às ameaças reais, no longo prazo tais tentativas não surtem efeito, justamente porque, o bumerangue volta. Podemos citar as tentativas de exportação de lixo de todo tipo, desde dejetos hospitalares até resíduos químicos e outros materiais indesejáveis.

Se pensarmos o mundo como um sistema fechado, como nos leva a pensar Beck, veremos que as ações perniciosas geram resultados imprevisíveis. Se na Sociedade da Carência prevalecia a lógica da desigualdade na distribuição da riqueza e dos recursos econômicos, na Sociedade do Risco há um elemento unificador, uma vez que as situações de ameaça ambiental não reconhecem fronteiras, nem limites de classe ou *status* econômico.

Diante deste processo, por meio do conceito de cientificação reflexiva Beck (2010) propõe uma democratização do debate científico, como forma de se dirimir o

risco da ciência se colocar a serviço de interesses contrários a segurança da maioria. Por este caminho, abre-se espaço para a crítica do estatuto das ciências, uma vez que se passa a reconhecer que a ciência não é neutra, nem objetiva.

Nas palavras de nosso autor:

O processamento científico de riscos da modernização pressupõe que o desenvolvimento técnico-científico se converta (com mediações interdisciplinares) em problema; a cientifização é aqui cientificizada como problema. É preciso, com isso, que de saída irrompam todas as dificuldades e contradições que têm cada ciência e cada profissão no trato umas com as outras. [...] Trata-se aqui de ciência confrontada a ciência e, portanto, ao ceticismo e a dúvida que uma ciência seja capaz de contrapor a outra. (BECK, 2010, p.241).

Neste momento, o autor sugere a consolidação do debate interdisciplinar como procedimento indispensável para a consolidação de uma abordagem a altura dos riscos presentes na sociedade atual. Segundo ele, na abordagem de problemas complexos, é inócua a luta pelo monopólio do saber, uma vez que, cada vez mais uma ciência depende dos saberes de outros campos para se tornar operacional. Diante desta constatação, cai o véu da ilusão do *container* científico: a ilusão de que uma ciência pode bastar a si própria. Ao menos no que diz respeito às questões globais de risco, isto não é possível.

Mas esta crise nos paradigmas das ciências provocada pelo risco não deve, ainda segundo Beck, ser encarada como algo negativo, pois para ele “não foi o fracasso, mas o sucesso das ciências, o que levou que fossem destronadas” (BECK, 2010, p.246). Esta postura é o reflexo da passagem de um modo de fazer ciência simples para um modo reflexivo, por meio do qual as ciências (e os cientistas) se posicionam criticamente em relação aos seus procedimentos, pressupostos e resultados. Elementos que passam a ser expostos pela crítica de seus pares ou ainda por meio de outros campos do saber; criando uma verdadeira proposta de diálogo interdisciplinar.

Estas proposições, tem todos os elementos necessários para consubstanciar uma renovação no modo de se fazer ciência e na forma como as ciências tradicionalmente vêm a si mesmas. Proposições que abrem um debate relevante no que tange ao enfrentamento dos problemas ambientais, de risco, presentes no mundo contemporâneo. Proposições, ainda, que desafiam o movimento ambientalista e o público em geral a interagir com a comunidade científica.

Tais encaminhamentos analíticos apresentam, também, importantes sugestões para o campo das Ciências Sociais, uma vez que a obra impactante de Beck (2010)

representa um sério esforço científico/reflexivo voltado ao entendimento dos aspectos que permeiam os riscos ambientais do movimento inexorável da globalização econômica e da inquirição das sociedades modernas acerca de seu próprio tempo. Representa, enfim, um destes momentos ricos nos quais a ciência olha para si mesma, enquanto ciência, de modo a buscar as transformações necessárias diante de uma realidade sempre mutável.

A noção de risco evocada surge com todos os traços de uma **nova proposta epistemológica**. Dentre suas contribuições relevantes podemos destacar a crítica àquelas noções que se debruçaram/debruçam sobre o desenvolvimento e que carregam os pressupostos da teoria do *container* social, isto é, a ideia de que o desenvolvimento de uma nação poderia/pode ocorrer de modo isolado das demais e/ou do sistema internacional. Na atualidade, tanto as crises econômicas quanto os eventos ambientais de larga escala não nos permitem mais dar crédito a estas teses³.

Por outro lado, as ideias de Ulrich Beck (2010) trouxeram contribuições à **teoria sociológica contemporânea**, no que se refere à capacidade destas em analisar o mundo atual em sua complexidade. Complexidade que tornou, em parte, limitadas⁴ muitas das teorias sociológicas clássicas, cujo poder teórico é insuficiente para a compreensão dos fenômenos atuais.

Lembramos que os clássicos fundadores do pensamento sociológico elaboraram suas obras em contextos históricos muito diferentes dos atuais – dentre eles Karl Marx (2004, 2014) no século XIX, Émile Durkheim (1969, 1982, 2012) e Max Weber (1964, 2001) no transcurso do século XIX para o século XX. Um bom exemplo de como o paradigma global do risco apresenta avanços em relação aos conceitos sociológicos bem estabelecidos, tais como os conceitos de hierarquia social e classes sociais, pode ser dado por meio da análise do efeito *bumerangue*. Isto porque os riscos ambientais têm capacidade equalizadora⁵ de nivelar os sujeitos sociais. Pois, como afirma nosso autor, se “[...] A produção industrial é acompanhada pelo universalismo das ameaças [...] em sua disseminação [...] nem os ricos e poderosos estão seguros diante deles [...]” (BECK, 2010, p.43-44).

³ No momento em que escrevemos estas linhas, a crise econômica em alguns países da Europa meridional, em especial na Grécia (mas também em Portugal, Espanha e França), chega a ameaçar a continuidade da zona do Euro. Os mercados internacionais, o câmbio e as Bolsas de valores do mundo inteiro se agitam e reagem. Eis uma amostra do que significa o atual grau de interdependência sistêmica no planisfério do globalismo.

⁴ Quando afirmamos que são limitadas não queremos dizer que são totalmente inválidas; mas que exigem uma releitura. Hoje em dia, muitos pensadores se esforçam para empreender uma renovação na leitura destes pensadores originários. Podemos destacar, por exemplo, os esforços de Boaventura de Sousa Santos, neste sentido.

⁵ O autor usa o termo efeito equalizador vide Beck (2010).

Deste modo, para Beck (2010), os riscos modernos apresentam-se como fomentadores de um paradigma universalista. Seus efeitos a todos atingem, independentemente das posições de classe ou circunscrição geográfica existentes.

Conclusão

Enquanto proposição teórica, as teses de Ulrich Beck (2010) desafiam o pensamento sociológico e as demais ciências, uma vez que corroem o significado de muitos conceitos tradicionais. Conceitos que ante estas novas realidades perdem sua força explicativa. Deste modo, ideias e conceitos largamente utilizados pelas ciências sociais, como: hierarquia, classes, *container* social e certeza científica, acabam por serem revistos e/ou revisitados. A situação atual do globalismo que aos poucos edifica uma “sociedade mundial sem Estado mundial e sem governo mundial” (BECK, 2010; p.203), deve ser pauta de interesse geral, pois como vimos, todos são afetados.

Podem-se perceber duas contribuições positivas⁶ na perspectiva do horizonte do risco, desenvolvidas por Beck. A primeira é a de que, nos tempos atuais, a sociologia deve olhar para o mundo em sua **complexidade**, ou seja, como um sistema onde o local está obrigatoriamente conectado ao global. A segunda se refere à proposta de uma ciência sociológica **interdisciplinar** e aberta. Ao empregar este termo, pensamos na obra de Karl Popper (1998), para quem o termo⁷ pode ser compreendido como sinônimo de permeável à mudança e à crítica.

Beck utiliza a expressão Ciência Reflexiva para se referir a um estágio de maturação das ciências por meio do qual a própria ciência abre mão do “monopólio das pretensões científicas de conhecimento” (BECK, 2010, p.237). Resta-nos a questão de saber se os cientistas em geral, e os sociólogos em particular, estarão dispostos a abrir mão de seus nichos de poder em prol de um diálogo mais amplo e socialmente partilhado.

ULRICH BECK AND THE SOCIOLOGICAL PARADIGM OF RISK

ABSTRACT: *This article develops theoretical-conceptual analysis about the sociological paradigm of risk, as presented by the eminent German sociologist, contemporary and recently deceased, Ulrich Beck. Through it we seek to establish*

⁶ Usamos aqui a expressão positiva no sentido de propositivo e não meramente crítico.

⁷ Embora aplicado ao campo da Política, na obra *A sociedade aberta e seus inimigos* (POPPER, 1998) resgatamos seu significado para o campo epistemológico.

some conceptual distinctions, related to traditional approach predominant in social sciences with regarding social observation; as well as t establish a dialogue with theoreticians who also converge on this topic. We wish, finally, to contribute to the understanding of the paradigmatic society risk proposition, which converges to fruitful discussions vis-à-vis the horizons of reflexivity and contemporary science-society dialogue, so indispensable in the face of the new historical moment lived in the present.

KEYWORDS: *Reflexivity. Globalization. Modernity. Risk.*

REFERÊNCIAS

BECK, U. **Sociedade de risco:** rumo a uma outra modernidade. São Paulo: 34, 2010.

_____. **O que é globalização?** equívocos do globalismo: respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva:** política, tradição e estética na ordem social moderna. Oeiras: Celta, 2000.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV ao XVIII.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 3v.

DIAMOND, J. **Colapso:** como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DURKHEIM, É. **A divisão do trabalho social.** 2.ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2012.

_____. **O suicídio.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **Lições de sociologia:** a moral, o direito e o estado. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1969.

GIDDENS, A. **Sociologia.** Porto Alegre: ARTMED, 2005.

_____. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.

INTERGOVERNAMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE [IPCC]. **Climate change 2014:** synthesis report. Geneva, 2014. Disponível em: <<http://www.ipcc.ch/report/ar5/syr/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

LUHMANN, N. **Risk:** a sociological theory. New York: Aldine de Gruyter, 1993.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

POLUIÇÃO do ar ‘fecha’ metrópole chinesa pelo terceiro dia consecutivo. **SIC Notícias**, 22 out. 2013. Disponível em: <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2013-10-22-poluicao-do-ar-fecha-metropole-chinesa-pelo-terceiro-dia-consecutivo>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

POPPER, K. **Sociedade aberta e seus inimigos**. São Paulo: Itatiaia, 1998. v.2.

PRETTY, J. **Environment: key issues for the twenty first century**. London: Sage, 2006.

QUAILE, I. COP 20 no Peru prepara caminho para acordo climático global. **DW**, Bonn, 01 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.dw.de/cop-20-no-peru-prepara-caminho-para-acordo-clim%C3%A1tico-global/a-18104132>>. Acesso em: 4 mar. 2015.

VEJA as principais notícias sobre as enchentes no Rio de Janeiro. **Último Segundo Ig**, 14 jan. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/veja-as-principais-noticias-sobre-as-enchentes-no-rio-de-janeiro/n1237950617440.html>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

WALLERSTEIN, I. **Análisis del sistema-mundo**. México: Siglo XXI, 2005.

_____. **O sistema mundial moderno**. Porto: Afrontamento, 1994. v.2.

WEBER, M. **Textos escolhidos**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva**. Fondo de Cultura Económica, 1964.

Recebido em 05/02/2015.

Aprovado em 14/05/2015.

